

## MANEJO TRADICIONAL DE FEIJÃO-COMUM NO NOROESTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO CONSERVA FONTES DE RESISTÊNCIA AO CRESTAMENTO BACTERIANO

Leonardo Kaminski Perini<sup>1</sup>; Thâmara Figueiredo Menezes Cavalcanti<sup>1</sup>; Maria do Socorro Bezerra de Araújo<sup>2</sup>; Cleiton Vasconcelos Vieira<sup>1</sup>; Marlon Rangel Pacheco<sup>1</sup>; Diego Chagas Batista<sup>1</sup>; Túlio Araújo Otal<sup>1</sup>; Maria Lúcia Rangel Ferreira Gomes<sup>1</sup>; Rosana Rodrigues<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), <sup>2</sup>Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). lkpuenf@gmail.com

Em muitos sistemas agrícolas tradicionais do Noroeste fluminense, famílias conservam a tradição de consumir e cultivar feijão-comum em misturas. Este manejo é comumente associado à maior resiliência das lavouras, em relação a pragas e doenças. Neste estudo, 20 acessos de feijão-comum, manejados em misturas de uma única unidade agrícola, foram avaliados para resistência ao Crestamento Bacteriano (CB). O ensaio foi conduzido na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, em Campos dos Goytacazes – RJ. As plantas foram cultivadas em vasos de 5L, em casa de vegetação, em blocos ao acaso e cinco repetições. O folíolo central da terceira folha trifoliada foi ferido com agulha múltipla e em seguida imerso em suspensão bacteriana de *Xanthomonas axonopodis* pv. *phaseoli* (*Xap*) [ $10^7$  ufc.mL<sup>-1</sup>]. Dezoito dias após a inoculação, as folhas inoculadas foram coletadas e escaneadas. As imagens obtidas foram processadas através do programa *ImageJ*, efetuando-se a segmentação para a área total do folíolo e da área lesionada. A área da lesão foi usada como medida da severidade da doença. Os dados foram submetidos à ANOVA e as médias ao teste Scott-Knott ( $p \leq 0,05$ ). Houve diferença significativa para a resistência ao CB entre os acessos. O teste de Scott-Knott alocou os acessos em três grupos. A amplitude observada dentro dos grupos foi considerada alta. No grupo que reuniu acessos (N=12) com as menores médias para a área da lesão, esta variou de 2.56 a 9.59 cm<sup>2</sup>. Assim, optou-se por reduzir o intervalo das classes fenotípicas, considerando seis níveis de resistência, a saber: altamente resistente = < 3 cm<sup>2</sup> de área foliar necrosada; resistente = 3 a 7 cm<sup>2</sup>; moderadamente resistente = 7,1 a 12 cm<sup>2</sup>; moderadamente suscetível = 12,1 a 17 cm<sup>2</sup>; suscetível = 17,1 a 22 cm<sup>2</sup>; e, altamente suscetível = > 22,1 cm<sup>2</sup>. Com base nessa classificação, identificou-se um acesso altamente resistente (tipo Rajado) e oito resistentes (tipos Preto, Mulatinho, Carioca, Pardo, Roxinho), seis moderadamente resistentes, três acessos moderadamente suscetíveis, um acesso suscetível (UENF2378) e um altamente suscetível (UENF2649). A análise dos resultados com base na área da lesão mostrou que há variabilidade dentro das misturas quanto à reação a *Xap*, ratificando a hipótese de maior estabilidade das variedades heterogêneas, manejadas em sistemas agrícolas tradicionais.

**Palavras-chave:** *Xanthomonas*, manejo *on farm*, variedades locais.

**Agradecimentos:** UENF, CAPES, CNPq e FAPERJ.